



***QUANDO UM PAPEL AMASSADO ATRAVESSA A SALA DE AULA:  
EXPERIENCIANDO A SEXUALIDADE COM ALUNOS/AS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL***

***CUANDO UN PAPEL AMISTADO ATRAVESA LA SALA DE CLASE:  
EXPERIENCIANDO LA SEXUALIDAD CON ALUMNOS / AS DE LA  
ENSEÑANZA FUNDAMENTAL***

***WHEN A PAPER BALL GOES ACROSS THE CLASSROOM:  
EXPERIENCING SEXUALITY WITH PRIMARY SCHOLL STUDENTS  
SUMMARY***

*Graziele Corrêa Amorim<sup>1</sup>*

*Heloísa Raimunda Hernek<sup>2</sup>*

**RESUMO**

A instituição escolar compõe-se de uma multiplicidade de modos de pensar, agir, sentir e arquitetar o viver. Passar, pois, a habitá-la nos propicia o convívio com um emaranhado de temáticas que emergem inesperadamente. Assim, dentre as problemáticas que podem surgir, apresentamos o interesse de discutir, com o cotidiano escolar, as sexualidades dos/das estudantes. Desse modo, o ponto de partida para essa discussão são as narrativas produzidas e experienciadas por uma professora iniciante, com seus alunos de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola. Sexualidade. Professora Iniciante.

**RESUMEN**

La escuela se compone junto a una multiplicidad de modos de pensar, actuar, sentir y planear el vivir. Pasar, pues, a habitarla nos proporciona un convivio con una gran red de temáticas que surgen inesperadamente. Así de las problemáticas que suelen surgir, presentamos el interés en discutir, en la escuela, a respecto de la sexualidad de los estudiantes. De este modo el punto de partida para esa discusión son las narrativas producidas y experimentadas por una profesora principiante y sus alumnos de tercer grado de primaria.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação. Universidade Federal de Viçosa (UFV).

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Educação. Universidade Federal de Viçosa (UFV).

**PALABRAS-CLAVE:** Escuela. Sexualidad. Profesora Principiante.

## **ABSTRACT**

The school institution composes itself of a multiplicity of ways of thinking, acting, feeling and living. Being part of it exposes us to a number of unexpected themes. Therefore, within the problematics that may emerge, we present the interest in discussing the sexuality of these students amongst the daily school routine. The starting points for this discussion are the narratives produced and experienced by a recently initiated teacher with her grade students.

**KEYWORDS:** School. Sexuality. Recently Initiated Teacher.

## **Introdução**

Quando somos estudantes de distintos cursos de Licenciatura, produzimos expectativas, angústias, medos e questionamentos a respeito da profissão docente. Arriscamo-nos, pois, ainda a dizer que em meio ao emaranhado de desejos construídos acreditamos na possibilidade de transformar, para “melhor”, as instituições educacionais ou aqueles que as compõem.

Contudo, sendo a instituição escolar um potente espaço que abriga uma multiplicidade de modos de pensar, sentir e de arquitetar existências, passar a habitá-la como servidores pode “arrebentar” com as garantias que sustentavam as expectativas construídas. Isso porque, concomitante à riqueza das diferenças, encontramos também na escola produções de controles, normas e silenciamentos de existências. Em meio a esse contexto, muitos professores iniciantes sentem-se desorientados, angustiados e “estrangeiros” no cotidiano escolar que passaram a habitar.

Desse modo, dentre as temáticas que podem emergir com a experiência da docência, apresentamos o interesse de discutir, com o cotidiano escolar, a sexualidade dos/das estudantes, tema que, dentre tantos outros, nos atravessou e que propomos a problematizar neste texto. O ponto de partida são as narrativas produzidas e experienciadas por uma professora iniciante, com seus alunos de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental<sup>3</sup>.

## **Atravessadas por uma experiência...**

---

<sup>3</sup> Turmas de uma Escola Municipal da cidade de São Geraldo|MG.

Cotidianamente exercemos muitas atividades e buscamos, ao mesmo tempo, nos manter informados sobre os acontecimentos mundiais. Entretanto, conforme Larrosa (2002), em meio a uma multiplicidade de tramas cotidianas que nos passam, a depender do modo como as sentimos podemos ser afetados, produzindo metamorfoses nas nossas existências e movimentações por experiência. Para Larrosa, (2002, p. 22) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 22).

Assim, compreendemos que diversas tramas nos passam no cotidiano escolar, podendo provocar mudanças nos caminhos percorridos até o momento. Nesse sentido, foi um desenho produzido por um estudante, nomeado de Manuel<sup>4</sup>, que fez emergir reflexões, angústias e a produção de dúvidas sobre a vida docente.

Passar a habitar o espaço escolar, após ser nomeada para o cargo de professora dos anos iniciais do ensino fundamental, provocou um “desmoronamento” das certezas construídas em relação à profissão docente. Em uma das aulas, como de rotina, pedi para a turma narrar como tinha sido seu fim de semana. Enquanto alguns falavam, percebi que dois estudantes riam de um desenho. Confesso que, no momento, fiquei furiosa, peguei a folha e os “obriguei” a participarem da discussão. Talvez eu estivesse me tornando rigorosa como os meus companheiros de trabalho, ou praticando uma tentativa de diminuir os estudantes, já que era assim que eu me sentia naquele contexto. Foi em casa que abri o desenho que eu havia amassado. A seguir, encontra-se a FIG. 1.

**FIGURA 1:** Desenho de Manuel



**Fonte:** Arquivo Pessoal

<sup>4</sup> Para preservar a identidade do estudante, demos a ele um nome fictício. Conforme mencionado, Manuel é estudante do terceiro ano do ensino fundamental, e naquele momento tinha 8 anos.

Tomada por questionamentos que emergiam com os dizeres que apareceram na imagem, compreendi que eu deveria escutar os estudantes a respeito das tramas que se enovelavam aos seus cotidianos. Contudo, essa conversa deveria acontecer às escondidas, porque acreditava que aquela imagem muito dizia sobre as sexualidades dos estudantes, e falar sobre a temática na escola é proibido.

Inesperadamente, em um dos recreios vi que Manuel conversava com três meninas de uma outra turma e percebi que, como no desenho confeccionado pelo estudante, duas das garotas vestiam roupas mais curtas e justas, enquanto a outra usava calça. Seriam aquelas as meninas desenhadas por Manuel?

Naquele mesmo dia, após a aula, Manuel e eu fomos embora conversando. Pedi a ele desculpas pela grosseria de ter tomado seu desenho, e antes mesmo de questioná-lo a respeito da sua produção, ele me disse que tentava contar ao amigo que o “trio das amigas inseparáveis” havia mandado um recado, dizendo que queriam ficar com eles. Perguntei, então, porque havia feito um “X” em uma das supostas meninas, e de acordo com o estudante foi para eliminá-la “da jogada”. Nas palavras de Manuel, eles preferiam ficar com as meninas que usavam roupas mais curtas, pela facilidade do contato mais íntimo entre os corpos. Ao final do nosso trajeto em comum, o estudante me pediu para não contar para a mãe dele, pois “se ela souber vai brigar comigo, porque odeia que eu dê confiança para aquelas galinhas”. Assustada, pedi que me explicasse o uso do termo “galinha”, e, sorrindo, ele me disse que eu como mulher entenderia. Seria por causa das roupas que as estudantes usavam? Seria por terem tomado a iniciativa de mandar o recado para os meninos?

Angustiava-me a necessidade que sentia de conversar sobre sexualidade, talvez por medo da reação dos alunos, dos pais e dos companheiros de trabalho, ou, ainda, pelo desconforto que a temática me provocava. A certeza era que o encontro com os desejos do meu estudante me causava um estranhamento com a profissão e, ao mesmo tempo, alimentava uma coragem de continuar a acompanhar outras tramas que poderiam emergir entre aqueles estudantes e suas sexualidades.

Em Foucault (2017), encontramos possíveis compreensões dos nossos estranhamentos ao falar e pensar a respeito das sexualidades. De modo resumido, conforme o filósofo, há tempos foram produzidas narrativas que determinavam normas a respeito do que deve ser falado e/ou pensado sobre as nossas sexualidades. Assim, foi

o agenciamento entre distintas instituições que colaborou e colabora para que estejamos “aprisionados” a tais regulamentações dos nossos corpos.

Portanto, em busca de produzir um movimento contrário ao controle dos desejos e dos afetos, e, igualmente, buscando levar meus alunos a compreenderem o preconceito existente no termo “galinha” e em outros, continuei a acompanhá-los e a escutá-los. Assim, em mais uma das saídas da escola observei que Manuel passou ao lado das amigas e gritou: “anda de rabo de fora e não faz nada. Isso é só pacote”. Seguidas pelos gritos do estudante, a menina que não se entregava às roupas curtas falou para as outras que vestir aquele tipo de roupa “dá nisso”, e a esse comentário elas responderam: “Você tem inveja porque sua mãe não deixa se vestir assim”.

Essas tramas vivenciadas me fizeram compreender que a família se aliava à escola no que dizia respeito ao controle dos corpos dos filhos, no florescer dos pensamentos preconceituosos e machistas, pois “(...) as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação [...] creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (LARROSA, 2002, p. 22). Portanto, Manuel e as três estudantes também reproduziam as palavras, os pensamentos, e os modos de agir e de olhar para o mundo dos pais, reforçando a produção de mecanismos de controles dos corpos.

### **Conclusão**

Afetada por essas tramas, sentia-me obrigada a discutir com os estudantes suas produções de sexualidade, mesmo que fosse preciso enfrentar a direção escolar. Nesse contexto, novas expectativas foram arquitetadas e aquela certeza que acompanhava minha entrada na escola – que seria possível mudar, sob o meu modo de viver, os protagonistas da escola - deu lugar à compreensão de que era preciso me aventurar a escutar e a vivenciar esses distintos mundos produzidos pelos estudantes.

Como salientou Foucault (2017), no mesmo movimento que inventaram os controles dos corpos, os pensamentos preconceituosos e o poder, também é possível a produção de mecanismos que fujam dessas normas. Portanto, permitir escutar e acreditar que os estudantes também fabricam saberes, desejos e sexualidades é um potente caminho...

## Referências

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 19, p. 20-28, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 13. ed. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro|São Paulo: Paz e Terra, 2017. 149 p.

Recebido em Maio de 2018

Aprovado em Julho de 2018